

RESENHA

O CAIS EM MEIO AO CAOS ESTÁ NOS CÉUS.

THE PIER AMIDST THE CHAOS IS IN THE HEAVEN.

EL MUELLE EN MEDIO DEL CAOS ESTÁ EN LOS CIELOS.

MARTINS, Yago. **Esse Deus é meu diabo**: reflexões e aplicações práticas da mensagem de Jó 1-10. Rio de Janeiro: GodBooks, 2023. 176 p.

O AUTOR DO LIVRO

Yago de Castro Martins é um teólogo, escritor, pastor batista, podcaster e youtuber brasileiro, sendo um dos principais expoentes do Novo Calvinismo no Brasil. É presidente do Instituto Schaeffer de Teologia e Cultura e dono do canal do YouTube Dois Dedos De Teologia, o maior canal de teologia reformada do Brasil.

INTRODUÇÃO

Esse Deus é meu diabo traz uma profunda e detalhada exposição bíblica dos dez primeiros capítulos do livro de Jó. Ao longo da obra, Yago Martins oferece explicações fundamentais para a compreensão desse importante trecho das Escrituras e aplica o texto com brilhantismo à vida do leitor contemporâneo.

AS PRINCIPAIS TESES DESENVOLVIDAS NA OBRA

Yago inicia sua obra abordando algo muito importante: A Dificuldade do Livro de Jó e a Soberania de Deus, descrevendo o texto como um dos

¹ Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Positivo, bacharelado em Teologia pela FABAPAR. Brasil. E-mail para contato: luisoliveira.econ@gmail.com

mais “agressivos e indigestos” da Bíblia, uma vez que apresenta um Deus cujo propósito principal é glorificar o próprio nome em Sua criação, sem medir esforços para isso, inclusive enviando sofrimento. Para alguns corações que desprezam a Deus, o livro de Jó é um argumento contra Ele, mas o livro argumenta que este Deus, que para muitos é o diabo, é na verdade o bom e soberano Senhor sobre nossas vidas.

Jó é introduzido como o personagem principal, possuindo quatro características notáveis. Era íntegro, reto, temia a Deus e se desviava do mal (MARTINS, 2023, p.19.) Não havia motivo pessoal para o sofrimento que ele enfrentou. Era o homem mais rico de todo o Oriente; seus filhos viviam em paz, harmonia e comunhão, fazendo banquetes entre si. Jó cuidava da vida de fé de sua família, levantando-se de madrugada para oferecer holocaustos e santificar os filhos, preocupado com possíveis pecados ocultos.

A origem do sofrimento de Jó não estava em suas circunstâncias terrenas, mas nos céus. Satanás apresentou-se diante do Senhor, demonstrando que não é uma força autônoma igual a Deus, mas um “cachorrinho na coleira do Senhor”² que precisa de permissão. Algo que é destacado é que é o próprio Deus quem começa a conversa, perguntando a Satanás se ele reparou em Seu servo Jó. O sofrimento, mesmo que o agente seja Satanás, muitas vezes vem por iniciativa de Deus, e não apenas por permissão.

Jó perdeu seus bens, servos e todos os seus dez filhos em desgraças simultâneas. Diante da destruição total, Jó se levantou, rasgou o manto, rapou a cabeça, prostrou-se e adorou. Jó não pecou nem atribuiu falta alguma a Deus. Ele pôde permanecer porque já exercia fidelidade durante a bonança.

² A formulação exata “o diabo é o cão de Deus” é frequentemente atribuída a líderes da Reforma Protestante, como Martinho Lutero ou João Calvino, que enfatizaram a soberania absoluta de Deus sobre todas as coisas, incluindo o mal.

O argumento central é que Deus não só permite o mal, mas planeja que o mal caia sobre nós. Deus faz isso para que Seu nome seja glorificado em nós, pois nosso bem-estar é menor comparado aos planos secretos de Deus. Deus sacrifica nossa estabilidade e saúde para nos dar coisas maiores, como mais comunhão com Ele.

Deus usa o sofrimento do fiel como um referencial teórico e prático para humilhar Satanás diante do reino espiritual. Ao perseverar na fé, o crente é usado por Deus como um argumento eterno da Sua grandeza e da fraqueza do diabo. Deus nos coloca à prova para mostrar que a nossa fé é genuína, não apenas para nós, mas para o mundo espiritual. O sofrimento é consolador porque “Quando Satanás trabalha, Deus trabalha. Quando o diabo trabalha, Deus está trabalhando” (MARTINS, 2023, p.30). Deus, de forma misteriosa, planeja trabalhar por meio da atuação do diabo para produzir o bem em nós. Isso humilha o diabo, que tenta nos destruir, mas, na verdade, está beneficiando os fiéis.

Jó compreendeu que tudo o que tinha foi dado por Deus e, portanto, Ele tinha o direito de tomar. Sua confissão: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei” (Jó 1:21) revela a compreensão de que esta vida é um estado intermediário ou um parêntese. Deus não é um sádico que ri de nossas dificuldades, Ele se coloca nas nossas dificuldades. O Deus grande e impassível escolhe gemer em nossa dor (pelo Espírito Santo, conforme Romanos 8), garantindo que Ele nunca nos colocará na dor sem Se colocar conosco.

Embora Jó tenha sido fiel, a aceitação do crente não se baseia na sua capacidade de permanecer, mas na permanência e perfeição de Jesus Cristo, que sofreu muito mais do que Jó e levou sobre Si todas as nossas falhas. É a graça de Jesus que garante a permanência dos santos, pois Deus não entra em um jogo que Ele vai perder, Sua glória será manifestada através da nossa vitória.

Na sequência o autor traz uma abordagem que me tocou muito e que gostaria de discorrer com maiores detalhes, dada a importância da

perspectiva. O título do segundo capítulo já é por si só um convite à reflexão: A Fé Em Um Caco De Telha, onde se aborda a natureza da fé e da perseverança em meio a circunstâncias anormais e sofrimento extremo, destacando a soberania de Deus sobre o mal e as provações.

Há uma contextualização da vida moderna em tempos de anormalidade como na pandemia, luto, isolamento, situações para as quais o indivíduo não se preparou.

O Palco Celestial é o lugar onde a Soberania de Deus sobre o Sofrimento é evidenciado, afinal a razão do sofrimento de Jó não estava na terra, mas nos céus, em um plano de Deus que não era acessível a Jó. Do ponto de vista humano, muito do sofrimento é “sem motivo” ou “sem porquê”. Esta é uma declaração do próprio Deus (Jó 2:3). O consolo não está em explicações racionais, mas na fé de que Deus sabe o motivo.

E é nesse ponto que o autor traz a perspectiva da Fé no “Caco de Telha”. Após perder bens, filhos e servos em desgraças simultâneas, naturais e sobrenaturais, Jó é ferido com tumores malignos. Jó perde a saúde e usa um “caco de barro para com ele raspar as feridas”. Este “caco de telha” simboliza a única coisa que lhe restou para alívio, mostrando que Jó não tinha mais nada para se orgulhar da bênção de Deus, só tinha a fé e um caco de telha.

O propósito maior da fé é a fidelidade. A fé genuína deve persistir mesmo quando as circunstâncias se transformam e são adversas. O objetivo da fé não é garantir felicidade, saúde ou prosperidade. A fé pode, na verdade, tornar a vida mais difícil, mas leva a algo muito mais valioso do que a alegria momentânea: a perseverança e uma comunhão mais profunda com Deus. Jó compreendeu que a vida terrena é um estado intermediário, um “por enquanto”, entre a nudez de seu nascimento e a nudez de sua morte. As perdas nesta vida são insignificantes comparadas à morada eterna.

Aqui é possível inclusive estabelecer um paralelo: o sofrimento de Jó pode ser visto como um paradigma do sofrimento de Cristo. Se o crente se sente incapaz de manter a integridade de Jó em circunstâncias extremas, deve lembrar-se que Jesus foi muito mais fiel que Jó e enfrentou tentações e sofrimentos piores. A nossa aceitação diante de Deus se baseia na fidelidade de Cristo, não na nossa capacidade de perseverar.

A essência da fé de Jó é a capacidade de continuar louvando a Deus mesmo quando todas as circunstâncias mudam. Jó louvou a Deus quando era rico e quando era miserável. A fé verdadeira é aquela que se agarra ao Deus soberano e bom, mesmo que tudo que se tenha seja apenas um caco de telha, mesmo quando Ele permite que o mal nos toque, porque Ele tem graça suficiente para nos sustentar.

Yago continua nos instigando com a pergunta que intitula o capítulo seguinte do livro: “Como crer se eu quero morrer?”, abordando a profunda crise de fé e o desespero de Jó diante do sofrimento extremo, focando no paradoxo da vontade de morrer e na necessidade de perseverança, mesmo quando a existência parece ser um fardo. Muitas vezes, a vontade de morrer surge de uma crise depressiva, desilusão ou traumas, levando o indivíduo a julgar todo o valor de sua existência por um tempo de sofrimento momentâneo.

Após perder bens, filhos e saúde, em um sofrimento grotesco e anormal, o homem mais justo da terra sucumbe à ideia da morte no capítulo 3 do livro de Jó, marcando um ponto de inflexão em sua história. Jó lamenta profundamente, desejando explicitamente nunca ter vindo à existência, amaldiçoando o dia de seu nascimento, querendo que fosse um dia de luto e trevas, onde o riso fosse proibido.

Ao amaldiçoar seu nascimento, Jó está, de certa forma, amaldiçoando o plano de Deus para sua vida. O autor observa que desejar não ter nascido é uma afirmação que, biblicamente, é associada apenas a pessoas condenadas, como Judas, e que, se Jó não tivesse nascido, não poderia contemplar sua própria redenção (MARTINS, 2023, p.87).

O texto faz uma distinção importante entre o ato e o desejo da morte, sendo o suicídio pecado, enquanto a vontade de morrer é uma tentação, um mau desejo ou impulso maligno que surge devido ao pecado. Crentes fiéis podem ter pensamentos terríveis e lutar contra ideações suicidas, mas devem lutar contra o impulso e não o alimentar.

Jó expressa o desejo de morrer como um descanso e libertação, invejando a paz dos mortos, dos abortos e dos que nunca viram a luz, ansiando por uma Teodiceia, uma justificação dos motivos de Deus para o sofrimento, mas Deus não a fornece. O consolo reside na fé de que Deus sabe o motivo. Esse exemplo mostra que homens santos também podem fraquejar na dor, falando palavras tolas e perdendo o senso de perspectiva.

A dor de Jó o fazia esquecer-se da eternidade, focando apenas na cova como fim do sofrimento. O sofrimento, porém, deve nos fazer olhar para o Deus eterno que está por trás da dor. Jó sentiu-se cercado por Deus para a destruição, mas, na verdade, Deus o cercou para protegê-lo, limitando a atuação do diabo. Deus o manteve vivo na crise para que ele pudesse ver o motivo do sofrimento.

Jó é um exemplo de fé e perseverança, mas é apenas uma sombra. A verdadeira esperança reside em Jesus Cristo, que sofreu muito mais do que Jó, foi tentado e perseverou perfeitamente em nosso lugar. Nossa aceitação por Deus baseia-se na fidelidade de Cristo, e não na nossa capacidade de permanecer.

Yago aborda a natureza do sofrimento injusto, a soberania de Deus sobre a dor e, principalmente, a inadequação da teologia da retribuição aplicada ao sofrimento individual, focando nas acusações dos amigos de Jó, discursos que o torturam e reprendem por sua fraqueza. A principal acusação que recebe é a de que seu sofrimento é causado por algum pecado oculto e não arrependido.

Aplicando essa teologia da retribuição, vemos a ideia de que o indivíduo recebe de acordo com o que fez, prosperidade para o justo, pobreza para o pecador, de maneira estúpida e cruel à vida de Jó, questionando a coerência de Jó, que ajudava o fraco, mas agora, na sua vez, está apavorado, sugerindo que se Jó ajudou os outros, ele deveria ser autossuficiente agora.

A abordagem de Elifaz, um dos amigos de Jó, é o oposto dos ensinamentos de Jesus, duro e sem misericórdia, insistindo que nenhum inocente perece, logo, Jó deve ser culpado, chegando ao ponto de o condenar por pecados como ira, insensatez e inveja, ligando a morte dos 10 filhos de Jó a esses pecados, chegando a justificar seus juízos com uma experiência de revelação divina e espiritual.

Embora Deus, em Sua soberania, tenha razões eternas e um propósito, desse lado da eternidade, o sofrimento nem sempre tem um “lado bom” ou uma lição clara. Tentar encontrar o sentido de cada dor leva ao perecimento. A fé não é encontrar o motivo das coisas ou a explicação racional; a fé é confiar em um Deus que tem certezas, razões e propósitos para tudo o que faz, mesmo que não os revele.

Embora seja verdade que Deus disciplina quem ama, o grande erro de Elifaz é jogar sobre Jó a responsabilidade pelo favor de Deus. Devemos ter certezas teológicas calibradas com graça e misericórdia ao lidar com quem sofre. A palavra de Deus pode ser usada como bisturi para sarar ou como instrumento de tortura. O cristão deve ser aquele que ouve e cuida, evitando a rigidez e a dureza de quem julga sem ter misericórdia do coração.

O lamento de Jó no Capítulo 6 é um momento de destaque no livro, um momento de profunda miséria onde ele responde às acusações dos amigos, que o tratam como um pecador castigado. Jó afirma que sua queixa era menor do que sua miséria. Ele expressa que a sua dor “pesaria mais do que a areia dos mares” (Jó 6:3). Ele via seu sofrimento como provindo do próprio Deus, descrevendo “flechas do todo-poderoso

cravadas em mim” (Jó 6:4). O autor observa que a fé nem sempre elimina a tristeza ou a dor, às vezes, ela se manifesta apenas por limitar o alcance da dor no coração. Há um Deus maravilhoso que recebe orações precipitadas e ouve reclamações injustas, pois Ele não está esperando a nossa falha para nos punir.

Jó argumenta que lamentar diante do sofrimento não deveria ser uma surpresa nem ser tratado como algo anormal, usando analogias da natureza, como o jumento zurrando junto à relva ou o boi berrando junto ao pasto, para mostrar que, em momentos ruins, é normal lamentar. A fé não impede as pessoas de sofrerem.

O lamento de Jó não o faz negar a Deus; apesar de desejar a morte, Jó afirma que não negou as palavras do Santo. Yago destaca que esse desejo de morrer logo era para diminuir seu tempo de sofrimento, pois temia não aguentar mais tempo fiel se o sofrimento continuasse. Essa ideiação de morte é vista como um impulso ou tentação a ser combatida pela fé, e não deve ser vista como um sinal de que Deus o abandonou.

Jó se sentiu traído e enganado pelos amigos que deveriam ser fonte de consolo, declarando que um amigo deve mostrar compaixão, mesmo que o sofredor pareça ter abandonado o temor de Deus. Os amigos não o ajudaram em nada, não oferecendo recursos ou tratamento médico, mas apenas se sentando para acusá-lo.

Jó questiona o propósito da repreensão dos amigos, pedindo que lhe mostrem onde ele errou, pois estava disposto a mudar. Descrevendo o que falava como “palavras desesperadas jogadas ao vento”, indicando que não eram heresias teológicas frias, mas sim o produto de um desespero vazio. O erro que vem da dor não é corrigido com informação, com uma teologia sistemática, mas sim com amor, abraço e a pessoa sentindo que alguém se importa.

A narrativa de Jó prefigura Cristo, o servo sofredor. Ele foi culpado e abandonado no sofrimento, foi tratado como um criminoso. O nosso sofrimento não é punição, pois a punição já foi tomada por Cristo.

Yago caminha para o final da obra, explorando a diferença entre a humildade genuína, que confia em Deus, e uma humildade maligna que se disfarça de virtude, mas é, na verdade, um orgulho travestido. Bildade, um dos amigos de Jó, manifesta mais uma forma de agir do diabo ao aplicar uma teologia simplista de causa e efeito ao sofrimento de Jó.

Os amigos de Jó afirmam que, se ele buscar a Deus e for “puro e reto,” sua prosperidade será restaurada. Yago tece uma crítica a essa visão, afirmando que ela é uma teologia rasa, uma forma de “teologia da prosperidade” que não suporta o mistério do sofrimento, pois pressupõe que sofrimento em um homem santo é injusto.

Jó responde com uma humildade real, ferida, temperada com dor e confusão, reconhecendo a correta humildade ao afirmar que “o mortal não pode ser justo diante de Deus” (Jó 9:2). Ele exalta a soberania, o poder e a sabedoria de Deus sobre os montes, o sol e as estrelas. No entanto, essa soberania é vista com terror. Jó se vê como uma presa na mão desse grandioso Deus. Ele se sente esmagado pela atenção divina, lamentando-se por ser um alvo e sentindo que Deus o destrói “sem motivo”.

O texto adverte contra a neurose de pecados ocultos ou a busca por “maldições hereditárias” para justificar o sofrimento. Em Cristo, há perdão total e completo, inclusive de pecados que não se sabe que cometeu. Jó teme que Deus tenha prazer em oprimir e destruir a obra de Suas mãos, chegando a acreditar que o seu sofrimento significa rejeição divina, levando-o ao desespero e a desejar a morte.

A verdadeira humildade não se manifesta na condenação simplista, como seus amigos afirmaram, mas na perseverança de Jó, que, mesmo confuso e proferindo contradições, se agarra a Deus. A defesa contra a humildade do diabo é a certeza de que toda a punição já foi tomada por Cristo. O sofrimento, para o crente, não é condenação, mas um instrumento de Deus para nos fazer mais parecidos com Jesus.

O Cristo que Jó ansiava é o único mediador. A dor no tempo presente é apenas a estrada que pavimenta um céu de glória. O sofrimento presente não é um sinal de que Deus nos abandonará no futuro, mas uma oportunidade para a fé inabalável. Se a fé de Jó se expressava na confusão e na luta, a nossa fé, sob a Nova Aliança, se apoia na humildade de Cristo, que se submeteu ao sofrimento injusto por nós, garantindo que há mais graça em Cristo do que pecado em nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro aborda a complexidade do sofrimento de Jó e a soberania de Deus sobre o mal e as provações. O sofrimento de Jó não teve origem terrena, mas celestial, com Deus no controle, inclusive sobre as ações de Satanás. A fé genuína manifesta-se na perseverança em meio a circunstâncias adversas, agarrando-se a Deus mesmo quando tudo o mais falha, simbolizado pelo “caco de telha”. Deus usa o sofrimento para glorificar Seu nome, aprofundar a comunhão com Seus fiéis e humilhar Satanás, mostrando a autenticidade da fé. O texto refuta a ideia simplista de que todo sofrimento é resultado de pecado oculto. A aceitação final do crente baseia-se na fidelidade e no sofrimento de Jesus Cristo, que suportou a punição em nosso lugar, garantindo a vitória sobre a dor e o pecado.

REFERÊNCIAS

MARTINS, Yago. **Esse Deus é meu diabo** – Reflexões e aplicações práticas da mensagem de Jó 1—10. 1ª edição, GOD BOOKS, 2023. 176 p.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2001.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Almeida Corrigida e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2023.